

# **Feminismo, mercado de sexo e turismo: reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil**

*Feminism, sex market and tourism:  
reflections about the multiple faces and  
interpretations of the market sex*

**Tiago Cantalice**

*Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da  
Universidade Federal de Pernambuco  
tiagocantalice@yahoo.com.br*



## Resumo

O consumo de sexo por mulheres vem sendo estudado desde a década de 1990 e desestabiliza o discurso vitimizante de certas alas da teoria feminista que encaravam a prostituição como uma atividade generificada, haja vista o tom radical com o qual se combatia essa atividade, tida muitas vezes como o expoente-mor da dominação masculina. Por outro lado, o turismo sexual era enquadrado como uma atividade formadora do *ethos* masculino contemporâneo. Contudo, a emergência dessa nova vertente do turismo sexual revela o teor moralista do discurso das abolicionistas. Em Pipa – RN, turistas estrangeiras empreendem relacionamentos afetivo-sexuais com os *caça-gringas* mediados por trocas simbólico-materiais. Esse fenômeno desfaz binômios do tipo mulher-servidora sexual/ homem-cliente, e força-nos a empreender uma análise de gênero em correlação a outros eixos de poder.

Palavras-chave: Feminismo. Mercado de sexo. *Caça-gringas*. Masculinidade. Relações binacionais. Turismo sexual.

## Abstract

The consumption of sex by women has been studied since the 1990's and puts in check the victimizing discourse of some feminist theory's wings, which faced prostitution as a engendered activity, in regard to the radical tone with which combated this kind of labor, represented, many times, as the highest standard of male domination. In the other side, sex tourism was seen as an establishing activity of contemporary male *ethos*. However, the emergency of this new sort of sex tourism reveals the moralist content of the abolitionists' discourses. In Pipa – RN, foreing tourists develop affective-sexual relationships with the *caça-gringas* mediated by symbolic-material exchanges. This phenomenon deconstructs binomies such as woman-sexual server/man-client and forces us to undertake a gender analysis in correlation to other axes of power.

Keywords: Feminism. Sex market. *Caça-gringas*. Masculinity. Binational relationships. Sex tourism.

## Introdução

A praia de Pipa – RN, a 90 km de Natal, oferece alguns elementos para as discussões de gênero que, como observa Lévi-Strauss, são bons para pensar. Num pequeno distrito litorâneo de grande fluxo turístico é comum que ocorram relações entre a população nativa e a população flutuante. Essas interações ocorrem tanto em situações em que o morador é transformado em prestador de serviços quanto em outras em que ele é apenas o exótico morador daquele destino turístico. De tais trocas, resulta um *continuum* de sentimentos, desde a repulsa até o fascínio. Um elemento que constitui essa fascinação é o desejo, a atração sexual. Através da exotização e erotização do Outro, muitas relações afetivo-sexuais são empreendidas nessa praia, com destaque para as relações binacionais entre homens *nativos* e mulheres estrangeiras.

Inúmeras pesquisas apontam o sexo como um elemento inerente à atividade turística, como mais um instrumento para sua fruição. As diferenças étnicas, culturais, linguísticas, raciais e de representações de gênero contribuem para essa atração. Apesar de se configurarem em relações assimétricas, o poder flutua entre os parceiros afetivo-sexuais. Essas são características presentes no contexto de Pipa, onde podemos ver que esses relacionamentos, ao contrário do que pensa o senso comum, não são emocionalmente vazios, nem motivados apenas por interesses materiais.

Por sua configuração ser inversa ao que habitualmente sucede, pois aqui é a mulher que se desloca e usufrui de serviços sexuais de homens locais, o caso de Pipa nos dá assunto para questionarmos a generificação das atividades do mercado de sexo e das viagens. Na contemporaneidade, esses espaços não podem ser pensados apenas com base nas questões de gênero, sendo necessário levar em conta outras divergências que fazem diferença. A interseccionalidade de gênero com raça, classe, nacionalidade e sexualidade deve ser tomada como saída teórica para desfazer os nós postos pelas novas questões que envolvem a temática.

Precisamos reavaliar nossos conceitos sobre prostituição e turismo sexual, já que, como relatado em alguns textos, bem como nas falas de interlocutores que contribuíram no meu trabalho de campo, a grande maioria das relações entre turistas estrangeiras e homens nativos não se dão pelo intermédio direto de dinheiro, nem são imunes ao romance. Além disso, as motivações para o engajamento nessas relações são influenciadas pelos aspectos simbólicos envolvidos nessas trocas afetivo-sexuais entre parceiros de diferentes nacionalidades, comumente ignorados nas análises desse fenômeno. É preciso, enfim: a) reconhecer o caráter múltiplo do mercado de

sexo; b) comparar os discursos de homens e mulheres, clientes e profissionais, bem como dos que não se reconhecem nem como clientes, nem como profissionais, evidenciando as representações que uns fazem dos outros e c) desenvolver a análise de gênero levando em conta seu caráter relacional e sua interseccionalidade com outros eixos de poder.

### **Feminismo e mercado de sexo**

O feminismo desde seus primórdios dispensou certa atenção à questão da prostituição. Em busca das origens da opressão às mulheres e tentando definir categorias universais, esse tema parecia oferecer argumentos empíricos bastante convincentes para se confirmar a suposição de que a relação homem-mulher era uma versão não econômica das relações de trabalho sugerida por Karl Marx e ilustrada pelo binômio sujeito-objeto.

Desde a Primeira Onda, a prostituição era vista como um exemplo da indubitável submissão das mulheres e como a confirmação da existência de um duplo padrão sexual que liberava os homens para a múltipla experiência sexual, o que lhes conferia um *status* de respeitabilidade e ratificava a nobreza de sua masculinidade, enquanto que para as mulheres era sinal de desonra e desvalorização no mercado matrimonial.

Uma das primeiras teóricas feministas a realizar uma análise da moral das sociedades capitalista-burguesas do início do século XX, quanto à sexualidade de homens e mulheres, foi Emma Goldman (1977). Seguindo as orientações do discurso promulgado no feminismo da Primeira Onda, a autora afirma que a mulher era tratada de acordo com seu sexo, nunca conforme suas capacidades e méritos. Apesar disso, era o homem que tinha sua disponibilidade sexual naturalizada.

Es innegable que se educa y se entrena a la mujer para que ante todo sea una mercancía sexual; y, desde luego, se la mantiene en la más absoluta ignorancia con respecto al significado y a la importancia del sexo. Se elimina todo lo referente al tema y si por ventura alguien quiere arrojar algo de luz sobre esta tremenda oscuridad, su premio es la persecución y la cárcel (GOLDMAN, 1977, p. 35).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> É inegável que se educa e adentra-se a mulher para que seja antes de tudo uma mercadoria sexual; desde cedo, ela é mantida na mais absoluta ignorância com respeito ao significado e à importância do sexo. Elimina-se tudo o que se refere ao tema e se porventura alguém deseja lançar alguma luz sobre esse intenso breu, seu prêmio é a perseguição e o cárcere (tradução livre).

Para Goldman (1977), o sistema capitalista de produção não deixava outra alternativa para as mulheres, não importando a classe, que não a prostituição. Isso porque, segundo ela, o casamento possuía as mesmas características da prostituição, sendo que enquanto no primeiro a mulher se prostituía a um só homem e vivia um contrato permanente, no outro, ela se vendia a vários, através de curtos contratos informais. A prostituição era condenada apenas porque a venda do corpo feminino ocorria fora dos parâmetros institucionais e simbólicos do “sagrado matrimônio”. Porém, notavelmente à frente do seu tempo, Goldman (1977) alerta que apenas uma análise parcial e superficial apontaria o fator econômico como o único motivador da prostituição. Para ela, a coisificação da sexualidade da mulher é verdadeiramente o ponto central da questão.

Essa simples diferença de grau entre a prostituição e o matrimônio foi também destacada por outras feministas como Simone de Beauvoir (1974) e pelas radicais antissexo da Segunda Onda. Shulamith Firestone (1976), por sua vez, considera a prostituição uma consequência direta do casamento patriarcal, existindo entre eles uma relação de interdependência. Essa opinião é compartilhada por Georg Simmel, que diz: “Num ponto, não há ilusão alguma a se ter: enquanto o casamento [monogâmico] existir, a prostituição também existirá” (SIMMEL, 2001, p. 10).

No entanto, essas duas instituições, ambas sendo espaços destinados à mulher, produziram dois estereótipos femininos bem definidos, que Anthony Giddens (1993) chama de garota decente/garota vadia ou, na sua versão mais prosaica, mulher para casar/mulher para “trepar”. A mulher para casar era uma figura da ordem e mantinha a coerência entre seu papel social e o lugar que lhe era destinado, o espaço do doméstico, do privado. A mulher para “trepar”, pelo contrário, era uma desviante, pois situava-se num espaço que não lhe pertencia, o público, bem como possuía um histórico sexual vasto, o que correspondia a uma característica masculina. Para Beauvoir (1974, p. 619), a diferença entre a esposa e a prostituta se referia ao reconhecimento do seu status de humanidade:

The great difference between them is that the legal wife, oppressed as a married woman, is respected as human being; this respect is beginning definitely to check the oppression. So long as the prostitute is denied the rights of a person, she sums up all of feminine slavery at once.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> A grande diferença entre elas é que a esposa legal, oprimida como uma mulher casada, é respeitada enquanto ser humano. Esse respeito ajuda definitivamente a conter/camuflar a opressão. Por outro lado, a prostituta vê serem negados todos os seus direitos como pessoa, acumulando toda a escravidão feminina de uma só vez (tradução livre).

A vida pública do homem concede prestígio, poder e recompensas como o acesso a recursos, símbolos e pessoas. Assim, o homem poderia empreender relacionamentos amorosos fora da instituição matrimonial e vivenciar inúmeras experiências sexuais sem que isso afetasse a sua masculinidade. Antes disso, esse comportamento era considerado como meio de se firmar e ratificar sua identidade de gênero e de contribuir para o desenvolvimento de sua personalidade. Por outro lado, as mulheres que desejassem atender aos “chamados da natureza” se arriscavam a perder a sua honra e o seu valor no mercado matrimonial. Esse fenômeno é chamado por Anthony Giddens (1993) de “duplo padrão sexual”.

Partindo do pressuposto segundo o qual a mulher era subjugada pela dominação masculina, cuja consequência era um processo de objetificação, o próprio movimento feminista imputava outro duplo padrão, aqui referente ao poder de agência, que se apresentava como inerente à masculinidade e ausente na constituição da feminilidade e que se aprofundava na relação cliente-prostituta. Daí o surgimento de um discurso extremamente vitimizante, que relegava essas mulheres à condição de “coisa” e cujo comportamento influenciava e refletia o modo como os homens viam as mulheres como um todo.

A Primeira Onda do movimento feminista caracterizou-se, assim, por assentar-se na pressuposição de que as mulheres possuíam uma essência que as ligava trans-histórica e transculturalmente, isto é, todas elas de certa maneira vivenciam alguma espécie de subordinação a outro fator também universal: a dominação masculina. Contudo, fica claro que, desde os seus primórdios, o movimento feminista não foi homogêneo,<sup>3</sup> bem como as experiências das mulheres ao redor do mundo, o que não foi empecilho para se buscar as origens das configurações atuais da ordem de gênero, que relegam às mulheres, segundo as teóricas feministas, um pequeno espaço de atuação (o doméstico) e tolhem suas possibilidades de autonomia. Assim, o movimento feminista procurou apontar os opressores e dentre os mais citados estão o sistema de parentesco, a divisão sexual do trabalho, o patriarcado-capitalista, a vulnerabilidade da mulher quanto à sua biologia e ao gênero masculino como um todo, que por meio da força física e da violência psicológica submete as mulheres às suas vontades.

Após esse período em que ocorrera um debate esclarecido, crítico e relacional, no qual a análise dessa pujante instituição social (a prostituição) era feita em parceria com outras, sendo a família nuclear monogâmica e o

---

<sup>3</sup> As principais correntes, feminismo liberal, feminismo radical, feminismo marxista e feminismo socialista, e suas particularidades são abordadas por Norma Chinchilla (1982) no texto intitulado *Ideologias del Feminismo...*

patriarcado-capitalista apontados como os grandes culpados pela opressão das mulheres, pode-se considerar que a teoria feminista sofreu certo estreitamento crítico no que se refere ao seu diálogo com o mercado de sexo entre as décadas de 1960 e 1970.

Naquela época, o feminismo se debatia com a retomada do processo de exclusão das mulheres do espaço público, após conquistas alcançadas durante o período da II Guerra Mundial, que ao final mostraram-se meramente conjunturais. Dessa maneira, conceitos antropológicos já ultrapassados como a busca por origens e a definição de universais foram mais uma vez resgatados por algumas teóricas feministas. A persistência nessas temáticas gerou críticas das próprias feministas. Michelle Rosaldo foi uma delas:

Tendo constatado a assimetria sexual em todos os grupos humanos, estabelecem teorias sobre papéis sexuais para dar conta dela. No entanto, tal abordagem, insistindo sempre em dicotomias, tende a reforçar uma visão em que diferenças são explicadas pelos fatos aparentemente primordiais e imutáveis da fisiologia sexual. [...] pelo contrário, [deve-se] considerar os papéis das mulheres e dos homens como o produto da ação humana em sociedades históricas e concretas (ROSALDO, 1995, p. 11).

Antes da universalidade do ser homem e do ser mulher, para Joanna Overing (1986), o que existia era uma tentativa de transpor as projeções valorativas euroamericanas para outros grupos sociais, o que era uma perigosa armadilha conceitual-teórica, pois desconsiderava o contexto e as especificidades culturais.

The principle of difference or antithesis entails asymmetry and hierarchy; that women's activities are universally judged as inferior to those of men; that gender symbolism is universally about male superiority. [ However] What is never recognized is that a principle of "difference" can be just as much a mechanism for creating equality and complementary as for creating hierarchy (OVERING, 1986, p. 141).<sup>4</sup>

Para Overing, as teóricas ocidentais estavam mais afeiçoadas a analisar estruturas de desigualdade que de igualdade e, ao invés de empreender análises minuciosas de suas próprias culturas, buscavam

---

<sup>4</sup> O princípio da diferença ou antítese implica assimetria e hierarquia; que as atividades das mulheres são universalmente julgadas como inferiores às dos homens; que o simbolismo de gênero está universalmente relacionado à superioridade masculina. [Entretanto] O que nunca é reconhecido é que o princípio da "diferença" pode ser tanto um mecanismo criador de igualdade e complementaridade como constituidor de hierarquia (tradução livre).

explicações gerais, exotizando culturas distantes, empreendendo um movimento trans-histórico na busca da defesa da oposição central de dominados x dominantes, que giraria apenas em torno das questões de gênero.

Foi isso que sucedeu à questão do mercado de sexo. Contrastando com a atmosfera de liberação sexual do período referido, uma ala radical do movimento feminista apontava para a erotização da mulher, via pornografia e prostituição, como grande motivador de sua objetificação. Influenciadas pelos primeiros escritos marxistas, elas encaravam a relação homem-mulher como reprodução de outros pares binários: sujeito-objeto, cultura-natureza, por exemplo. Essas divisões aprofundavam-se ainda mais na relação *sex users*-*sex workers*.

Há, nesse instante, uma nova polarização dentro do movimento feminista entre as anti e as pró-sexo, sendo por estas reconhecida a possibilidade de a prostituição ser uma atividade exercida por livre escolha, possibilitando, inclusive, o ganho e a utilização de poderes dentro desses relacionamentos por parte das profissionais do sexo.

Uma autora que detalha a configuração dessas correntes feministas é Wendy Chapkis (1997). As feministas radicais (hostis ao sexo) dividiam-se entre aquelas que acreditavam num limitado número de práticas sexuais positivas (*Pro-positive Sex Feminism*), baseadas no romance, e as antissexo, que consideravam toda prática sexual uma expressão da dominação fálica masculina. Enquanto isso, as feministas radicais do sexo defendiam que a atividade sexual era inerentemente benigna, terreno de contestação e uma prática cultural aberta à subversão.

As *Pro-positive* alegavam que a prostituição pode contaminar outros contextos de relacionamentos homem-mulher, dentre eles o próprio casamento, e aconselhavam ser preciso evitar a contaminação do erótico pelo pornográfico. O lado mais radical dessa corrente era composto por inúmeras teóricas, dentre elas: Catharine Mackinnon, Karen Davis, Andrea Dworkin e Kathleen Barry. Todas empunhavam a bandeira de que o intercurso sexual era fundamentalmente constituído pela dominação masculina e que a prostituição e a pornografia só revelam mais claramente a mensagem.

A organização *Women Against Sex (WAS)*, cânone da resistência sexual, acreditava que as mulheres, influenciadas pelas práticas e símbolos da cultura sexual masculinizada, têm construído seu desejo a partir de uma autoimagem opressiva que facilitava o trabalho de subordinação ao patriarcado. Para Chapkis, o radicalismo das abolicionistas era tal que elas findavam por reafirmar o poder masculino que tanto intencionavam denunciar, ou seja, reforçavam o que se procurava desestabilizar.

By constantly reiterating that women are whores, and that whores are no more than objects, such feminists blind themselves to the fact that prostitutes, no less than any other worker, and no less than any other woman, engage in acts of negotiation, resistance, and subversion that belie their designation as passive objects (CHAPKIS, 1997, p. 20).<sup>5</sup>

Num terreno ideológico diametralmente oposto, encontramos as radicais do sexo (CHAPKIS, 1997). Para essas feministas, não fazia sentido estabelecer uma divisão entre o sexo positivo e o sexo pervertido. Eram partidárias de uma participação ativa na ordem sexual em vez de uma abolição do sexo; acreditavam nos múltiplos significados da atividade sexual e viam no consentimento um reflexo das possibilidades de poder e privilégio que norteiam tais relações. Para Camila Paglia (apud CHAPKIS, 1997), quando o homem adquire uma mulher por dinheiro, ele revela toda sua fraqueza e não seu poder, o dinheiro é a única maneira de ele conseguir a atenção de uma mulher. Pat Califia (apud CHAPKIS, 1997),<sup>6</sup> por seu turno, tenta relativizar e argumenta que o significado da prática sexual depende do contexto cultural e político em que foi consumada. Em suma, as radicais do sexo acreditam que o sexo pode desestabilizar ou reforçar o poder masculino, podendo dessa forma a prostituição ser um local de agência sexual, onde as trabalhadoras do sexo fazem uso ativo da ordem sexual vigente.

As prostitutas, ao impor seus próprios papéis sexuais, tornam-se uma ameaça ao patriarcado-capitalista, pois, num mundo em que o corpo da mulher é tão desvalorizado, cobrar para se ter acesso a ele é um ato radical de afronta e autodeterminação. Esse é um dos motivos pelos quais a prostituição é tão discriminada e demonizada.

Apesar de toda essa dedicação do feminismo em tentar eliminar as assimetrias de poder que se formam no contexto das relações sexuais comerciais, e embora o debate em torno da questão da prostituição tenha gerado interessantes e controversas hipóteses, até então não se tinha dado, em nenhum momento, poder de voz às próprias prostitutas. De certa forma, isso era consequência de um discurso extremamente vitimizante propagado por algumas feministas, que impedia que as *sex workers* fossem reconhecidas como porta-vozes de sua realidade e agentes autodeterminantes.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Por constantemente reiterar que mulheres são putas e que putas não são nada mais do que objetos, tais feministas não enxergavam o fato de que as prostitutas, não menos do que qualquer outra profissional e não menos do que outra mulher, engajam-se em atos de negociação, resistência e subversão que invalidam sua designação como objetos passivos (tradução livre).

<sup>6</sup> As reflexões de Camila Paglia e Pat Califia foram retiradas do texto de Wendy Chapkis (1997) referido acima, que, porém, não informa a data de suas publicações nem traz ao seu final as referências bibliográficas.

<sup>7</sup> Kathleen Barry, certa vez, em um encontro que discutia o mercado de sexo, recusou-se a aparecer publicamente com as profissionais e a deixá-las falarem por si mesmas, alegando que “they are too poor, too victimized, and too prone to false consciousness to be able to represent themselves objectively” (MCCLINTOCK, 1993, p. 7).

Todavia, desde a década de 1970, organizações de trabalhadoras do sexo se mobilizam para denunciar as insuportáveis condições de trabalho, indignidades legais e o estigma social pelos quais a maioria delas passa, informa Anne McClintock (1993). Na sua contramão, “anti-sex work feminists argue that to support sex worker rights is tantamount to supporting men's indiscriminate access to the sexuality of women” (MCCLINTOCK, 1993, p. 2).<sup>8</sup>

Para McClintock, não é o contrato sexual que tira o poder das prostitutas, mas o estigma e o cerceamento por parte do Estado. O que as subjuga é o contexto em que a troca se dá. Apesar de Catharine Mackinnon (1984) afirmar que posicionar-se contra a prostituição não se trata de uma questão moral, mesmo quando ela é realizada por meio de um consenso, nada mais é que uma atitude orientada por um discurso moralista, pois não se demonstrava a mesma determinação em execrar outras funções como o trabalho doméstico e o cuidar de crianças, idosos e doentes, igualmente produtoras de invisibilidade, atividades degradantes e sexistas. Além do mais, e aqui concordando novamente com McClintock (1993), o estigma imputado às prostitutas visa disciplinar todas as mulheres; desse modo, empoderando-se as trabalhadoras do sexo, empoderam-se as mulheres em geral.

É preciso, portanto, transformar o mercado em benefício delas, criar leis que as protejam, em vez de puni-las e reconhecer a prostituição como um trabalho, pois vitimizá-las e considerá-las indivíduos sem-agência é contribuir para sua objetificação, o que encoraja e incentiva agressões sobre elas.

Removing sex workers' fundamental right to chose – whether to work, how to work, when to work, and where to work – is a flagrant infringement of their basic working rights, their integrity, and their humanity, not a universal and inherent feature of the sexual exchange (MCCLINTOCK, 1993, p. 6).<sup>9</sup>

Contudo, um fato interessante de se ressaltar é que o discurso das abolicionistas, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que denuncia que as prostitutas sofrem de uma inerente perda de agência, acusam-nas de um excesso de agência, quando, irresponsavelmente, alimentam e reproduzem fantasias masculinas.

---

<sup>8</sup> Feministas antitrabalho sexual argumentam que apoiar os direitos das profissionais do sexo é equivalente a concordar com o indiscriminado acesso dos homens à sexualidade das mulheres (tradução livre).

<sup>9</sup> Remover das profissionais do sexo o direito fundamental da escolha – se trabalhar, como trabalhar, quando trabalhar e onde trabalhar – é uma flagrante infração de seus direitos trabalhistas básicos, de sua dignidade e de sua humanidade, não uma universal e inerente característica da troca sexual (tradução livre).

Existem, como podemos notar, várias nuances no mercado de sexo e apenas uma visão reducionista encará-lo-ia como um local de perpetuação da máxima que engessa a mulher como escrava e o homem como seu mestre e senhor.<sup>10</sup> Atualmente, o mercado de sexo não se limita a mulheres e nem apenas aos bordéis. Existem inúmeras configurações como prostituição de rua, casas de massagem, telessexo, michetagem, prostituição de travestis, acompanhantes e turismo sexual. Ademais, os parceiros são diversos: mulheres, homens, travestis e transexuais não possuem mais uma posição determinada com base na identidade de gênero nem na sexualidade, todos estão aptos e têm possibilidades de desempenhar qualquer função nesse mercado, seja prestador, seja consumidor, seja intermediário de serviços afetivo-sexuais. É exatamente essa pluralidade de setores e de agentes envolvidos que confere a essas interações o perfil de mercado, que, como qualquer outro, é constituído por oferta e demanda e por mecanismos de distribuição e promoção.

Sherry B. Ortner (2006), em um artigo intitulado *Entonces, es la mujer al hombre lo que la naturaleza a la cultura?*<sup>11</sup>, desestabiliza os pilares que sustentam as teorias feministas ao indagar se realmente a dominação masculina é um fato universal, produto intencional de um desejo de poder que provém da “natural” agressividade masculina, ou se trata de um efeito secundário de aspectos funcionais, consequência “no intencionada de ciertas construcciones sociales diseñadas para otros propósitos?”<sup>12</sup> (ORTNER, 2006, p. 15). Segundo a autora, apesar de posicionar-se claramente contra essencializações do feminino e do masculino, o movimento feminista apresenta um tom contraditório ao pregar uma ontologia da agressividade masculina e uma universalidade a essas representações, parecendo cair nos mesmos esquemas essencializantes que teve como verve do movimento questionar.

Apesar do questionamento feito pelo movimento feminista sobre a “generificação” de muitas atividades, a prostituição continuou sendo considerada uma atividade exercida exclusivamente pelas mulheres, sendo, assim, um expoente da submissão feminina. Essas suposições ganharam novo fôlego com a emergência do turismo sexual como temática de análise social, perpetuadora da ditadura do falo e entendida como bandeira da dominação masculina. Contudo, a partir da década de 1990, surge uma série de estudos sobre o que ficou conhecido como “turismo sexual feminino” e é nesse

---

<sup>10</sup> O Standford Encyclopedia of Philosophy – SEP (2004), por exemplo, afirma que, em algumas culturas, mulheres que se prostituíam não eram consideradas inelegíveis para o casamento, possuindo, em certos lugares e determinados períodos, inclusive, um elevado grau de valorização.

<sup>11</sup> Então, está a mulher para o homem, assim como a natureza para a cultura? (tradução livre).

<sup>12</sup> Não intencionada de certas construções sociais desenhadas para outros propósitos? (tradução livre).

momento que o discurso feminista necessita ser reavaliado, já que são as mulheres quem assume o papel de “exploradoras” e consumidoras de serviços sexuais dos homens das nações periféricas. Assim, algumas questões são levantadas ou foram resgatadas: a pessoa que se prostitui pode fazê-lo por livre escolha? O acúmulo de capital financeiro e cultural finda por masculinizar essas mulheres? Quem se prostitui é o corpo vendido ou o corpo penetrado? As mulheres não praticam turismo sexual, mas sim turismo de romance? Os homens podem ser objetificados? Tais inquietações serão expostas com mais detalhes na quarta parte do presente artigo, tendo como base as reflexões que o campo de estudo suscitou.

### **Viagem: uma atividade masculina?**

Assim como a prostituição, a viagem foi classificada como uma atividade *engendered*, ou seja, como uma atividade tipicamente masculina, já que era ao homem que pertencia o ambiente extradoméstico. Portanto, do mesmo modo que a ele cabia decidir sobre os rumos da política, realizar as atividades economicamente produtivas, venerar abertamente seu deus, decretar leis, ou seja, administrar tudo o que era referente ao espaço público, coube a ele também desbravar novas terras, interagir (comercializar, conquistar, guerrear) com outros povos, conhecer distintas culturas, fornicar com outras mulheres... Enfim, o certo é que desde Heródoto, na Era Clássica, passando por Marco Polo, pelas Cruzadas, pelas Grandes Navegações, na Idade Média, pelo *Grand Tour* da nobreza europeia,<sup>13</sup> pelos primórdios da etnografia, no século XIX, pelo exílio artístico, até pouco menos de um século atrás, a viagem, se não como um todo, mas certamente em sua vasta maioria, era um privilégio masculino.

In many societies being feminine has been defined as sticking close to home. Masculinity, by contrast, has been the passport for travel. Feminist geographers and ethnographers have been amassing evidence revealing that a principal difference between women and men in countless societies has been the licence [sic] to travel away from a place thought of as “home”<sup>14</sup> (ENLOE, 2000, p. 21).

---

<sup>13</sup> A título de curiosidade, foi numa dessas viagens, as quais os jovens representantes da nobreza europeia faziam para enriquecer seus conhecimentos visitando outras terras, que o inglês Charles Darwin teve os primeiros contatos com as regiões e as espécies que se tornaram base para a produção de sua obra-prima, *A origem das espécies*.

<sup>14</sup> Em muitas sociedades, ser feminina tem sido definido como permanecer próximo ao lar. Masculinidade, por outro lado, tem sido o passaporte para a viagem. Etnógrafas e geógrafas feministas têm acumulado evidências as quais revelam que a diferença entre mulheres e homens em incontáveis sociedades tem sido a licença para viajar para longe de um lugar pensado como lar (tradução livre).

A mulher que, sem companhia, se aventurasse numa viagem, teria sua respeitabilidade posta em xeque e seria rechaçada ao limbo da desonra. De acordo com Cynthia Enloe (2000, p. 20):

women who travel are not merely creatures of privilege; nor today are they only from the Western societies. They – or their mothers – have often had to fight against confining presumptions of feminine respectability to travel away from home on their own.<sup>15</sup>

A feminilidade estaria, então, atrelada à fixidez do lar, enquanto a masculinidade, à fluidez da viagem. E, assim, contrariamente às mulheres, os homens eram emasculados enquanto não desempenhassem atividades que os desvinculassem de seu lar.

Ainda segundo Enloe (2000), as primeiras mulheres que se dispuseram a viajar sozinhas tiveram de fazê-lo disfarçadas de homens, para, dessa maneira, poderem realizar esses deslocamentos sem se preocupar com juízos de valor de outrem. Outra saída era o alistamento militar.

As primeiras viajantes que se deslocaram ao redor do mundo sem disfarces são atualmente conhecidas como *Victorian lady travellers*. Essas mulheres eram, em sua maioria, brancas e de classe média, oriundas dos Estados Unidos e da Europa. Elas estremeceram as bases da ordem social entre o fim do século XIX e início do século XX, pois além de serem mulheres que viajavam sozinhas ou sob insuficiente proteção masculina, elas aventuravam-se pelos lugares mais inóspitos, considerados pela sociedade euroamericana como não civilizados (ENLOE, 2000). Compreendemos a atmosfera de intenso exotismo quando reparamos que se tratava de mulheres ricas e brancas em terras negras e pobres. Elas de certa forma contribuíram também para a consolidação da nascente empresa imperialista, que dominava a África e a Ásia, bem como para o florescer do desejo de viajar de outras mulheres.

O turismo internacional moderno, concomitantemente à Antropologia, desenvolveu-se exatamente nas áreas afetadas pelo imperialismo do século XIX. Assim como a colonização, o engatinhar da atividade turística se apoiou no discurso antropológico evolucionista, que o camuflara com um manto de missão civilizatória.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Mulheres que viajam não são meramente criaturas de privilégio, nem atualmente elas são apenas de sociedades ocidentais. Elas – ou suas mães – têm frequentemente lutado contra confinantes pressuposições sobre respeitabilidade feminina quando se viaja para longe do lar por conta própria (tradução livre).

<sup>16</sup> “Tourism is as much ideology as physical movement” (ENLOE, 2000, p. 28). Turismo é tanto um movimento físico quanto ideológico (tradução livre).

Ao longo, principalmente, do século XX, graças aos esforços e denúncias do movimento feminista, as mulheres, com destaque para as brancas de classe média dos países centrais, começaram a se apropriar dos territórios masculinizados, com grande notoriedade para as viagens, a partir da institucionalização do turismo. Não sem antes sofrerem estigmatizações e oposições de um discurso machista disfarçado por um tom paternalista, foi apenas com a organização, por Thomas Cook,<sup>17</sup> de pacotes turísticos “seguros para mulheres”, que grande parte delas pôde saciar sua ânsia de conhecer novos climas, culturas, paisagens e pessoas, ou seja, passaram a enxergar para além dos muros do lar.

Por ser ainda nesse período uma atividade majoritariamente masculina e eurocêntrica, as mulheres desses insólitos destinos turísticos eram vistas como o suprassumo do exótico e, assim como as terras recém-dominadas, eram vistas como algo a ser explorado. A atividade turística é abalizada pela necessidade humana de conhecer, pela sua curiosidade em relação ao que é diferente, seja natural, seja culturalmente. Desse encontro com o Outro, ocorre o estranhamento que serviu de alicerce para o trabalho de *marketing* realizado pelas agências de viagens que, nos destinos dos países periféricos, exotizam a paisagem e a cultura e erotizam as pessoas. Corriqueiramente, encontram-se propagandas de destinos turísticos, como o Brasil, que unem paisagens exuberantes com imagens de mulheres em trajes sumários,<sup>18</sup> o que contribui para a formação do imaginário dos turistas sobre esses lugares como sendo também paraísos sexuais.

Sexual services in the tourism industry are today a part of a range of informal services that are solidly integrated in the tourism industry. Sex tourism is thus part of the informal package that is indirectly offered to the visitor, and sustains not only many women's households and lifestyles, but also those of men (KEMPADOO, 2004, p. 118).<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Foi a primeira pessoa a agenciar uma viagem. Em 1841, ele fretou um trem para transportar cerca de 570 pessoas que iam para um encontro contra o alcoolismo em Loughborough. Dessa forma, ele conseguiu comprar as passagens por uma tarifa reduzida e durante a viagem ofereceu serviço de bordo. Por isso, é considerado o pai da atividade turística moderna.

<sup>18</sup> Ver artigo de João dos Santos Filho, intitulado *Por que a ação da Embratur se torna preocupante para a formulação de políticas internas em turismo?*, no qual classifica a ênfase dada ao turismo internacional como reveladora de uma “dependência de um tipo de forma colonialista” e afirma que: “A idéia de vender uma imagem de fetiche sobre o Brasil para os estrangeiros faz a Embratur desenvolver e priorizar uma publicidade focada para a mulher brasileira e sua beleza estética, como podemos perceber nos estampados dos posters da Embratur, de 1966 até 1986 [...]” (2005, p. 4).

<sup>19</sup> Serviços sexuais na indústria do turismo são hoje em dia uma parte do conjunto informal de serviços que estão solidamente integrados na indústria do turismo. O turismo sexual é, dessa forma, parte do pacote informal que é indiretamente oferecido ao visitante e sustenta não apenas muitas donas de casa e estilos de vida, mas também aqueles dos homens (tradução livre).

O turismo emergiu, então, como a contemporânea via de escape para realizar os desejos sexuais dos homens das nações centrais. Como diria Henrietta Moore (2000), crentes de sua superioridade racial, cultural e de gênero, os turistas deslumbravam-se com essa fantasia de poder e de identidade, experienciada nesses momentos de férias. Além disso, devido à distância, não seriam importunados pela moral ocidental nem pela ideologia feminista, que tanto inibem e ameaçam a masculinidade hegemônica.

Sentindo-se acuados, com sua masculinidade questionada pela ocupação feminina dos espaços públicos, conquista da independência econômica das mulheres e pela maior negociação no interior dos relacionamentos afetivo-sexuais com suas compatriotas, os homens ocidentais encararam os países periféricos como enclaves, eles perdidos portadores da *essência* feminina negada por suas conterrâneas e passaram a enxergar o turismo sexual como o novo veículo de acesso a uma superioridade de gênero que parecia estar se perdendo.

Outro elemento que atrai os homens dos países ricos a engajarem-se em relacionamentos com mulheres dos países pobres é que a prostituição possui um caráter informal, diferentemente das profissionais do sexo euro-americanas. A fronteira entre ofício e intimidade é borrada e as condições do contrato não são estabelecidas claramente, o que finda por eliminar aparentemente sua natureza econômica.

This explains how men who are not and would not dream of becoming prostitute users back home can happily practice sex tourism (the “girls” are not really like prostitutes and so themselves are not really like clients, the prostitution contract is not like the Western prostitution contract and so does not really count prostitution) (DAVIDSON; TAYLOR, 1999, p. 43).<sup>20</sup>

Os turistas sexuais fascinam-se com essa falta de nítidos marcadores que distingam entre uma relação íntima e uma transação comercial. Interditos comuns no mercado sexual como o beijo na boca, nos seios, o andar de mãos dadas e o descarte do uso de preservativos, algumas vezes não são encontrados nesses relacionamentos sexual-afetivos binacionais. Isso contribui para a confirmação de alguns estereótipos ligados às mulheres do Terceiro Mundo. Kamalla Kempadoo nos revela a construção desse imaginário sobre as caribenhas:

---

<sup>20</sup> Isso explica como homens que não são e nem sonhariam tornarem-se consumidores da prostituição em seus locais de convívio cotidiano podem alegremente praticar turismo sexual (as “garotas” não são realmente como prostitutas, então, eles não são clientes de fato, o contrato da prostituição não se dá como no contrato da prostituição ocidental e, portanto, não se configura como prostituição) (tradução livre).

The highly sexualized image of Caribbean women held by sex tourists rests on an assumption 'that local girls are really hot for it', and the women's 'highest ambition is to be the object of a Western man's desire', that after all, the women 'are doing what just comes naturally' to them (KEMPADOO, 2004, p. 123).<sup>21</sup>

O imaginário do turista, refletido nesse relato, rearticula o exotismo e as diferenças raciais e culturais emergem como fatores de atratividade, que, de forma contrária, em seus países de origem são motivos de repulsa. São essas diferenças que embasam a comparação entre as mulheres dos seus países de origem e as mulheres dos destinos turísticos terceiro-mundistas. As primeiras, majoritariamente de peles claras, são consideradas frias, exigentes, impessoais, recatadas e independentes. Enquanto que as outras, em sua grande parte, de peles escuras, são tidas como cálidas, sensuais, dependentes, submissas e hipersexualizadas.

Although sex tourists are a heterogeneous group in terms of their background characteristics and specific sexual interests, they share a common willingness to embrace this hierarchical model and a common pleasure in the fact that their Third World tourism allows them either to affirm their dominant position within a hierarchy of gendered, racialized, and economic power or to adjust their own position upward in that hierarchy (DAVIDSON; TAYLOR, 1999, p. 52).<sup>22</sup>

Para Caren Kaplan (1996), o Ocidente sofre com uma propensão a encarar outras localidades como marcadores da realidade e do autêntico, como uma face que remete às origens da atual configuração do euro-americano moderno. Como vimos acima, essa inclinação atualiza e reforça preconceitos em relação ao Outro étnico e racializado, não apenas quanto ao Outro *engendered*, bem como resgata oposições hierárquicas do tipo natureza-cultura, primitivo-civilizado, ocidentais-não ocidentais, peles claras-peles escuras.

É importante lembrarmos que o chamado turismo sexual assume inúmeras formas e permite uma ampla gama de arranjos na relação entre turista

---

<sup>21</sup> A imagem altamente sexualizada da mulher caribenha tomada pelos turistas sexuais se mantém na reiteração de “que as garotas locais excitam-se realmente com isso”, de que a “mais alta ambição dessas mulheres é tornarem-se objetos de desejo de um homem ocidental” e de que, no final das contas, tais mulheres “estão fazendo apenas o que é natural” a elas (tradução livre).

<sup>22</sup> Embora os turistas sexuais formem um grupo heterogêneo em termos de suas experiências particulares e de específicos interesses sexuais, eles partilham o desejo comum de se valer desse modelo hierárquico e um prazer peculiar no fato de que seu turismo de Terceiro Mundo os permite tanto afirmar sua posição de dominância no interior de uma hierarquia de gênero, de raça e de poder econômico quanto ajustar suas próprias posições de superioridade nessa hierarquia (tradução livre).

e autóctone. Assim como a atividade turística em geral deixou de ser um monopólio masculino, as mulheres dos países centrais atualmente também estabelecem interações afetivo-sexuais com os nativos dos destinos turísticos que frequentam. Os termos em que essa versão se dá são semelhantes à sua forma mais visível; no Caribe, por exemplo, os países emissores e receptores são praticamente os mesmos (DAVIDSON; TAYLOR, 1999); as representações de masculinidade e feminilidade refletem estereótipos similares.

Todavia, quando o consumo de serviços sexuais em contexto de viagem é feito por mulheres, quase que instantaneamente nos vemos forçados a atrelar ao termo turismo sexual o adjetivo “feminino”. Isso revela como essa atividade foi forjada para ser desempenhada por um determinado gênero e como nós incorporamos e reproduzimos através do discurso, mesmo que buscando romper seus limites, a generificação de diversas atividades. Quando essa atividade era realizada apenas por homens, ela não precisava ser adjetivada, pois estava inserida no repertório “normal” do *ethos* masculino. Contudo, quando os sujeitos que empreendem esses relacionamentos afetivo-sexuais em contextos de viagem passam a ser mulheres, necessitamos especificar que trata-se de um fato “incomum”, daí a adição do adjetivo ao final: *turismo sexual feminino*. Isso mesmo ocorre quando falamos de *prostituição masculina* ou, para facilitar a compreensão de todos para o que quero dizer, quando nos referimos ao *futebol feminino*. Ou seja, o próprio discurso revela a origem generificada da atividade.

Além disso, tendo em vista que esses encontros afetivo-sexuais que ocorrem em contexto de viagem se apresentam cada vez mais como *triviais*, isto é, constituindo-se como mais um elemento de fruição, como também do cotidiano da comunidade receptora, acredito na pertinência de uma reformulação conceitual do que se entende por *turismo sexual* ou até mesmo o abandono da terminologia, já que confunde mais do que esclarece. No entanto, não possuindo um termo equivalente que funcione e dê conta da complexidade atual da questão, algumas vezes serei forçado a usar essa categoria, porém, orientado por paradigmas distintos daqueles usados em sua origem, colocando-o então sob rasura (HALL, 2007). Portanto, compartilho, por hora, de uma noção ampliada do fenômeno, lançada por Fernando Ribeiro e Octávio Sacramento (2006), os quais afirmam que

o turismo sexual diz respeito à circulação de pessoas em tempo de lazer que tem por base, ainda que não exclusivamente, motivações que se prendem com a expectativa de concretizar relacionamentos amorosos e/ou sexuais, de natureza comercial ou não, com outras pessoas

que se encontram nos destinos turísticos (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2006, p. 162).

Dessa forma, as bases pelas quais as campanhas de combate ao *turismo sexual* se assentam seriam desestabilizadas. Se desejarem realmente punir qualquer espécie de *turismo sexual*,<sup>23</sup> como os porta-vozes da moral andam propagando, estarão decretando o fim de boa parte do fluxo turístico de seus locais de atuação, pois, pelo que parece, o sexo é um elemento inerente ao turismo, não um segmento específico.

Mas o que desejamos saber a partir de agora é: quais as efetivas mudanças ocorridas no resultado dessa equação quando a ordem dos fatores é alterada? Como esse novo fenômeno (o *turismo sexual feminino*), que desestabiliza representações de gênero cristalizadas de maneira *doxa* (BOURDIEU, 1983) no imaginário social, seria encarado pela sociedade mais ampla?

### **Mercado de sexo: uma instituição multifacetada**

Não conseguindo fugir desse lugar comum, é preciso dizer que a prostituição é a mais antiga das profissões, sendo que suas origens remetem à antiga Mesopotâmia. Segundo a historiadora Gerda Lerner (1986 apud SEP, 2004), nessa região havia cultos que envolviam serviços sexuais. Assim como na Babilônia, onde rituais de fertilidade eram constituídos por ofertas de serviços sexuais aos deuses e deusas. Nesse tempo, a prostituição era uma prática sagrada, mas logo uma versão secular passou a ser desenvolvida no entorno dos templos.

Emma Goldman (1977) afirma que o historiador Heródoto, que viveu aproximadamente entre 485 e 420 a.C., proclamava que toda mulher deveria pelo menos uma vez na vida oferecer-se a um desconhecido em troca de dinheiro, sendo esta uma atitude de reverência à deusa Vênus. Recorrendo a Havelock Ellis (1910), Goldman (1977) diz que a prostituição era uma instituição organizada pelos sacerdotes, tendo como objetivo a incrementação da renda pública (aspecto utilitário). Até o século XIII, havia registros de bordéis europeus que funcionavam sob proteção municipal. O Cristianismo também explorou a prostituição, assumindo, assim, por certo tempo o papel de

---

<sup>23</sup> Uma iniciativa coerente e legítima é realizada pela ONG Resposta (Responsabilidade Posta em Prática) que combate, desde 2003, a exploração sexual infanto-juvenil no turismo, como afirma Liliâne, 29, coordenadora de setor de estudos da Resposta e que condena iniciativas, como a da Prefeitura do Natal, as quais desvirtuam o foco do combate, pois desejam, ilegitimamente, barrar e intimidar a vinda de quaisquer turistas que viajam motivados por expectativas de estabelecer interações sexuais com a população local, sendo dada grande ênfase aos homens estrangeiros.

cafetão: o Papa Clemente II tolerava esse mercado com a condição de que as prostitutas doassem parte dos seus ganhos à Igreja, enquanto que o Papa Sixto IV taxava diretamente os bordéis. Durante a Idade Média, “la prostitución estaba organizada en gremios, presididos por una reina de burdel. Estos gremios se declaraban en huelga para exigir mejores condiciones y mantener los precios” (GOLDMAN, 1977, p. 35).<sup>24</sup>

No Brasil, a prostituição não teve um passado tão nobre. Essa atividade, semelhantemente à descrição feita por Kamalla Kempadoo (2004) em relação ao Caribe, teve início durante o período de colonização, quando o Brasil vivia num regime escravocrata. Desde esse período, havia uma atração pelas mulheres “de cor”. Gilberto Freyre (2006) fala que, ainda no regime escravocrata, a democratização racial já se dava pelas relações interétnicas entre a casa-grande e a senzala. Contudo, ele omite que essas relações eram extremamente assimétricas, já que negros e negras não eram sequer considerados humanos. As negras recebiam, mesmo a contragosto, constantes visitas dos seus senhores, bem como eram responsáveis pela iniciação sexual dos *sinhozinhos*.

De acordo com Kempadoo (2004), no Caribe, em épocas de baixa produção, as escravas eram levadas aos centros urbanos e postas como prostitutas por seus próprios donos. As mulheres brancas também agenciavam o trabalho sexual das negras. Algumas dessas escravas empreendiam atividades sexual-econômicas por conta própria e o acesso à carta de alforria muitas vezes ocorria como consequência dessas transações.

O historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior (2003), referindo-se a Gilberto Freyre, afirma:

esse sociólogo trabalha com uma série de imagens dicotômicas nas quais a raça negra aparece remetida ao feminino, enquanto a raça branca é remetida ao masculino. Chega a endossar a idéia, que atribui a alguns sociólogos, de que a raça negra é a raça-mulher. Uma raça afetiva, sentimental, pouco racional, passiva, masoquista [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 36).

No entanto, após uma série de mudanças sociais como o fim da escravidão, o início da república, o câmbio nas representações da masculinidade e da feminilidade, entre outras, ocorre uma inversão das

---

<sup>24</sup> A prostituição estava organizada em grêmios, presididos por uma soberana de bordel. Esses grêmios se declaravam no direito de exigir melhores condições e manter os preços (tradução livre).

preferências sexuais. A mulher estrangeira e branca, imigrante de países europeus como a Polônia, tornou-se a mais valorizada no mercado de sexo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003). Essas coquetes estrangeiras implantaram mudanças tão drásticas na sexualidade nacional que podem ser sentidas até hoje.

Atualmente, o mercado de sexo não se limita a mulheres e nem apenas aos bordéis. Existem inúmeras configurações como prostituição de rua, casas de massagem, telessexo, michetagem, prostituição de travestis, acompanhantes e turismo sexual.

A prostituição, já há algum tempo, não é exercida somente por mulheres, como diz Rogério Araújo Silva (2006), em seu livro *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Na verdade, já faz duas décadas que Nestor Perlongher (1987) publicou *O negócio do michê: a prostituição viril*, livro em que coloca em evidência todas as nuances do *trottoir* masculino pelo centro de São Paulo, trazendo à tona as figuras da travesti e do michê como outros profissionais do sexo.

Perlongher (1987) vislumbra um *continuum* na prostituição, no qual se tem como polos opostos a travesti e o michê, em que a primeira vende a representação dita artificial da feminilidade e o segundo, uma representação essencializada da masculinidade. São essas construções que levaram Fry e MacRae (1983) a afirmar que o michê seria, então, a travesti do homem, do mesmo modo que a travesti o é da mulher.

O termo michê possui duas acepções, uma delas se refere ao próprio ato da prostituição, o “fazer michê”, e a outra é usada “para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação diante do cliente” (PERLONGHER, 1987, p. 17).

Entretanto, esses outros sujeitos que se prostituem também o fazem em busca de uma clientela basicamente masculina. Mesmo a prostituição viril descrita por Perlongher (1987) é uma prostituição consumida por homens. Sua etnografia foi realizada no centro de São Paulo, caracterizada como uma região de grande circulação de homossexuais que desejam relacionar-se sexualmente, seja num “banheiro de pegação” de um cinema pornô, seja através dos serviços disponibilizados por travestis e michês.

---

<sup>25</sup> Para um estudo etnográfico mais aprofundado sobre a performatização do feminino, cf. SILVA, Hélio (2003) e FIGUEIREDO, Adrianna (2008).

Diferentemente das travestis,<sup>25</sup> os michês não realizam intervenções corporais visando uma aproximação de um ideal feminino, apenas condicionam o corpo a um treinamento para que os traços de virilidade sejam essencializados, através da performance, não havendo ruptura com a aparência masculina dita *normal*. Nesse sentido, considera-se de maneira mais prosaica que qualquer homem jovem pode praticar a michetagem sem sofrer com o estigma dessa condição,<sup>26</sup> imputando-o aos seus clientes, pois não é preciso desfazer-se da “cadeia discursiva e gestual da normalidade” (PERLONGHER, 1987, p. 21).

Apesar de desvincular a venda de favores sexuais da feminilidade, o trabalho de Perlongher (1987) não discute o consumo desses serviços por mulheres – ele se justifica afirmando que havia uma baixa frequência delas, mas é bom ressaltar que sua etnografia foi realizada num gueto gay –, apenas comenta, citando Bruckner e Finkielkraut (1979, p. 217 apud PERLONGHER, 1987, p. 21), que, caso esse costume houvesse se desenvolvido entre as mulheres, “as clientes é que continuariam a ser chamadas de putas, pois é evidente que o que consideramos prostituído não é tanto o corpo vendido, mas o corpo penetrado”.

No entanto, a partir da década de 1990, uma série de estudos é realizada com relação ao mercado sexual consumido por mulheres. A partir desse momento, vemos ruir um pilar central da crítica do feminismo radical ao mercado de sexo, que argumentava ser a prostituição “an expression of the control of women by men, where female sexuality is organized in public and private spheres to satisfy male needs, interests, and desires” (KEMPADOO, 2004, p. 63).<sup>27</sup>

### **Pipa: turismo, sexo e romance**

Em 2006, morei por alguns meses na praia de Pipa – RN, que fica cerca de 90 km da capital do estado, Natal, e durante esse período um fenômeno me saltou aos olhos: as constantes interações afetivo-sexuais entre homens locais e mulheres estrangeiras que visitavam o lugarejo. A

---

<sup>26</sup> Sempre que comentava com algum amigo, de fora ou mesmo de dentro da academia, sobre a pesquisa que desenvolvo, ouviam-se sempre comentários como: “Que pesquisa boa, hein?”, “Se tu tiver precisando de ajuda...”, “Pra fazer parte desse negócio, o ‘cara’ tem que ser muito bonito?”, o que reforça essa idéia lançada por Perlongher de que, para o homem, fazer parte de um envolvimento afetivo-sexual permeado por outros interesses, pelo menos de vez em quando, não causa maiores constrangimentos.

<sup>27</sup> Uma expressão do controle das mulheres pelos homens, em que a sexualidade feminina é organizada nas esferas do público e do privado para satisfazer necessidades, interesses e desejos masculinos (tradução livre).

configuração dessas parcerias chamou-me logo atenção por sua atmosfera de novidade e ineditismo que tão clara e despreocupadamente se apresentava a mim e inquietou-me por não provocar na comunidade o mesmo incômodo que as uniões, provisórias ou estáveis, entre brasileiras e estrangeiros, as quais são bem mais visadas, divulgadas e, frequentemente, rotuladas como relacionamentos movidos pelo puro e simples interesse financeiro de uma parte e pela exploração da miséria alheia da outra.

Os estereótipos da *puta* e do turista sexual são, a todo momento, trazidos para ilustrar e taxar esses relacionamentos binacionais e, devido à sua ampla disseminação, esses arranjos tornaram-se alvo de discriminação e seus parceiros passaram a sofrer com o repúdio quase unânime da sociedade. Isso é incentivado e se baseia nas campanhas de tom xenófobo que são promovidas pelas autoridades locais, as quais ilegalmente tentam condenar esses estrangeiros por um crime que não existe na jurisprudência brasileira: consumir serviços sexuais em contexto de viagem com mulheres que tenham mais de 18 anos.

Eu, naquele momento, um estudante recém-graduado no curso de turismo, sempre ouvira e debatera a problemática (como se costuma encarar tal fenômeno na academia e no *trade* turístico potiguar) do turismo sexual, estando abalizado pela idéia de que os envolvidos nesses roteiros clandestinos eram sempre homens estrangeiros, o que explicava meu estranhamento com a versão pipense, na qual as posições me pareciam estar invertidas, os sujeitos aparentavam estar fora dos seus lugares apropriados.

O encontro com tal fenômeno suscitou um borbulhar de questionamentos sobre minhas opiniões, revelando-me como os juízos de valor que lançamos sobre os fatos e acontecimentos, e mais precisamente em relação às experiências e práticas afetivas e sexuais, variam de acordo com os sujeitos neles implicados. Além disso, mostrou quanto somos condicionados a interpretá-los de acordo com o que é divulgado pela grande mídia. Isso se torna evidente quando deparamos com a configuração de alguns relacionamentos binacionais que ocorrem em Pipa, que são chamativos por exatamente subverter nossas certezas e mostrar o quão dinâmica é a realidade e o quanto a tentativa de enquadramento dela e dos seus atores em categorias e papéis sociais fixos, oposicionais e isolados apenas acoberta a intenção de perpetuar hierarquias e criar/reproduzir estereótipos.

Dessa maneira, fui cativado pelas reflexões que esse primeiro contato provocou e estava decidido a analisar mais demoradamente aquele fenômeno devido à riqueza de informações que ele trazia, desfazendo algumas concepções bastante arraigadas e difundidas no senso comum sobre a prostituição e o turismo

sexual. Quando retornei a Pipa, no ano seguinte, já desempenhando o papel de pesquisador, tive minha inserção no campo e meu acesso aos interlocutores facilitados por frequentar essa praia há mais de 10 anos e por conhecer boa parte dos sujeitos envolvidos nesses circuitos de desejo.

A experiência etnográfica em Pipa,<sup>28</sup> confrontada às leituras relativas ao mercado de sexo e sua íntima relação com a atividade turística, me fez perceber que o fenômeno do “turismo sexual feminino” não era uma peculiaridade sua. Lá, assim como no Caribe, por exemplo, parte considerável do fluxo turístico composto por mulheres engaja-se em relacionamentos afetivo-sexuais com homens locais. Motivadas por um imaginário que constrói o brasileiro como um homem hipersexualizado, selvagem, animalesco, quente e insaciável, mulheres vindas em sua maioria da Europa Ocidental e dos países escandinavos desejam descobrir se ele faz jus à sua fama:

A idéia do Brasil cá é mulatas, mulatos, sexo sem complicações etc. Pipa pelo que eu vi e senti é um lugar onde as mulheres européias encontram isso. Festa, sol, homens fáceis e sempre é chique dizer: “Estive no Brasil e estive com um brasileiro”. Uma amiga disse que lá viu homens e mulheres muito bonitos e, à noite, muitas estrangeiras, é claro. [...] Eu planejei a viagem pra seis mulheres... Todos riam quando dizia: 'Vou com 5 amigas.' Todos pensam logo em sexo. [...] (Marta<sup>29</sup>, doutoranda em Letras e professora de português, 31, espanhola).

Eu mesma comentava com as minhas amigas, quando eu comecei a vir pra cá e sei lá, tive uns 4 a 5 namoradinhos brasileiros daqui, né? [...] E todo mundo sabe, isso é certo, que o homem e a mulher brasileira são muito criativos sexualmente. Muito criativos e sem preconceito, carinhosos e sem preconceito, é isso, pouquíssimo. [...] Então quando

---

<sup>28</sup> A etnografia foi realizada no período de dezembro de 2007 a março de 2008. Como técnicas de pesquisa, foram utilizadas: observação participante, o que não significa dizer que também me relacionei afetiva ou sexualmente com alguma estrangeira; realização de entrevistas com base em questionários semiestruturados com vários interlocutores (ao todo, foram 10 homens locais, 3 estrangeiras, 3 antigos moradores da praia, 2 jovens que não participam desse circuito de desejo e uma assistente social que administra uma ONG que combate o turismo sexual infanto-juvenil, atuando em todo o estado), buscando exatamente abarcar a multivocalidade do fenômeno e pluralidade de discursos; registro das observações e das conversas informais no diário de campo. A metodologia utilizada para a realização das entrevistas com os dois grupos focais (os homens locais e as turistas estrangeiras) foi a de registro de narrativas de vida. Em termos gerais, esses homens têm entre 20 e 30 anos, são, em grande parte, indivíduos de pele escura, oriundos de famílias menos favorecidas, com baixa formação educacional e sem empregos estáveis. As estrangeiras, por sua vez, acumulam capital financeiro e cultural, são de pele clara e têm idade que varia dos 25 aos 45 anos.

<sup>29</sup> Alguns nomes de interlocutores, que aparecerão, ao longo do texto, foram substituídos por pseudônimos, enquanto outros foram mantidos, mediante autorização prévia desses colaboradores.

você sai desse clima... a gente chama chapa três, posição papai-mamãe, cheio de respeito, mas que não tem nada a ver com respeito, né? [...] A minha experiência aqui, a primeira vez... Eu lembro d'eu pensar: 'Onde é que esse menino aprendeu tudo isso?!' Eu lembro perfeitamente bem de pensar nisso (Maria, gerente de restaurante, 42, portuguesa).

Apesar de não haver uma propaganda oficial que explore a sexualidade do brasileiro, parece existir um circuito informal composto principalmente pela propaganda boca a boca, que reforça o imaginário, construído pelo carnaval, de que o Brasil é um país onde as pessoas possuem uma sensualidade à flor da pele e que não sofrem muito com os valores morais cristãos. E, portanto, contrariamente ao que diz Dennis Altman (2001), não estamos testemunhando uma padronização sexual, mas sim a sua diversificação, não havendo um centro emissor de modelos, mas trocas de experiências. Um interlocutor pipense revela que cada cultura tem sua peculiaridade no intercuro sexual:

Cada lugar tem uma cultura diferente e da cultura diferente, você aprende com a cultura e você aprende mais ou menos como é que é, você aprende como deve ser e como deve mais ou menos agir. [Mas há diferença em termos de relacionamento?] Tem, em termos de cultura. A portuguesa e as israelitas são as mulheres mais fechadas que tem no mundo. São as que eu indicaria você a não tentar ficar. [...] [E no sexo tem diferença entre as estrangeiras?] Tem! As espanholas são as mais quentes. As italianas são mais ainda. As holandesas são as que sabem fazer o melhor *boquete* (Bento, 24, fotógrafo).

As estrangeiras que ingressam nessas trocas afetivo-sexuais também fazem constantemente um paralelo entre a brasilidade e o clima tropical do país, como se esse homem fosse mero produto de seu meio e que, por se tratar de um país subdesenvolvido, estaria ainda muito atrelado aos mandos e desmandos da natureza. Isso se mostra na fala de Marta (31, espanhola) em relação ao homem latino-americano:

É uma questão de desculpa o que vou dizer... De cultura, isto é, a cultura, o conhecimento afasta da essência, do natural, do homem mais primitivo, movido pelo instinto e

---

<sup>30</sup> Como Outro, homens locais são vistos como seres possuidores de uma poderosa e indiscriminada sexualidade sobre a qual eles não têm controle [...] Novamente, o Outro não está vendendo sexo, apenas "fazendo o que lhes é natural" (tradução livre).

isso ainda é evidente lá, o que não quer dizer que seja geral. É a idéia estereotipada de cada cultura.

Como Davidson e Taylor (1999, p. 49) afirmam, “As Other, local men are viewed as beings possessed of a powerful and indiscriminate sexuality that they cannot control [...] Again, the Other is not selling sex, just 'doing what comes naturally'”.<sup>30</sup> Esses são argumentos usados pelas estrangeiras para tentar anular a idéia que os homens com quem elas se envolveram sejam profissionais do sexo e que elas sejam turistas sexuais, mesmo atuando como provedoras de presentes, bebidas, refeições, viagens e mesmo dinheiro em espécie.

Eu sempre paguei tudo porque ele me dizia que não tinha dinheiro, que tinha filho em Itália, e a verdade não me importava. Minhas amigas disseram-me 'Então não pagues!' Ele aproveitava muito. Se íamos jantar, ele escolhia o lugar mais caro e eu pagava. [...] Pra mim é natural. [Mas você pagou outras coisas?] Nada, jantares, bebidas e já... Ah, espera, deixei-lhe dinheiro quando fui. É verdade. Porque senti pena (Marta, 31, espanhola).

Vê-se uma tentativa de mascarar o caráter comercial-transacional por meio de um discurso que considera natural tanto a disponibilidade sexual desses homens quanto o provimento material por parte da mulher. Outra estratégia que objetiva desvincular as mulheres do turismo sexual é classificá-las como turistas de romance. Kamalla Kempadoo (2004, p. 129) critica essa diferenciação sexista:

The definition by the women of these relationships as primarily 'friendship' or 'romance' serves to keep alive the myth that women are interested in sex only when it is attached to notions of love and intimacy, confirming hegemonic notions of gender difference, while it absolves women from the global North for any responsibility for global inequalities).<sup>31</sup>

Considero essa diferenciação sexista, porque mesmo ao utilizar argumentos semelhantes, ou seja, dizer que seus relacionamentos com a população local não são comerciais e sim românticos, que suas parceiras não

---

<sup>31</sup> A definição das mulheres de que esses relacionamentos são primeiramente de “amizade” ou de “romance” serve para manter o mito de que as mulheres são interessadas em sexo somente quando ele está atrelado a noções de amor e intimidade, confirmando noções hegemônicas de diferença de gênero, enquanto isso, absolve as mulheres do Norte global de qualquer responsabilidade pelas desigualdades globais (tradução livre).

<sup>32</sup> Categoria autóctone formada por outras duas categorias êmicas, *nativos* e *locais*. Este último termo refere-se aos adventícios radicados em Pipa há mais de 5 (cinco) anos. O termo *caça-gringa* é uma categoria usada, em termos amplos, para designar aqueles homens que costumam empreender relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres estrangeiras, sendo movidos por interesses materiais e simbólicos.

são prostitutas, apenas mulheres que gostam de sexo, e não se reconhecerem como turistas sexuais, os homens são frequentemente alvo desse rótulo e de perseguições motivadas pelo que Nelson Motta (2005 apud GRUPO DAVIDA, 2005) chama de *xenofobia genital*.

Os *caça-gringas*,<sup>32</sup> por sua vez, como as mulheres que participam de trocas econômico-sexuais, assumem os estereótipos atribuídos à latinidade e à brasilidade, ressignificando-os e positivando-os, como medida tática para facilitar a conquista:

Os nativos, por sua vez, destacando suas diferenças com os homens “ocidentais”, enfatizam os traços de masculinidade que atraem as estrangeiras, particularmente a combinação entre uma produção corporal que acentua o exotismo, a sexualidade exacerbada, um intenso discurso amoroso e uma dependência associada a certos estilos de feminilidade (PISCITELLI, 2000, p.8)

De fato, esses homens armam-se com um discurso romântico que cativa as estrangeiras. Essa atmosfera de cortejo, às vezes, é de tal modo hiperbolizada que pode causar desconfiança e rememorar artimanhas sacadas em outras paragens.

Em espanhol há uma palavra que é *camelar*, significa que usa táticas mais carinhosas, adula, diz coisas bonitas para conseguir um objetivo. Eles sabem disso. E cá, onde todas (nós) arrastamos uma desgraça do amor, é bom receber essas atenções, embora saibamos que é só bocas. Claro! E nós sabemos. Claro que quem não sabe é porque se autoengana. Eu, quando saí de Pipa, chorei ao me despedir do Bento. Mas sabia tudo conscientemente (Marta, doutoranda em Letras e professora de português, 31, espanhola).

Contudo, outras vezes pode funcionar e levar a um desdobramento mais sério do relacionamento, como aconteceu com Thomaz (29, caseiro), que conheceu Melina (32, médica visitante), uma argentina que passava férias em Pipa, e atualmente está casado e morando com ela em Buenos Aires. Melina revela como ficou surpresa com o precoce envolvimento de Thomaz:

---

<sup>33</sup> A mim, o que me chamou muita atenção era que ele [...] como ele me falava como se já nos conhecêssemos ou tivéssemos uma relação de muito mais tempo e como pensava que tínhamos de nos casar em menos de três dias... Como era muito rápido. Isso me pareceu muito rápido. [A paixão?] Dele, sim. Da parte dele, como se houvesse muito mais. Isso era o que ele falava, não sei. [Ele estava mais encantado que você?] Não que estava mais apaixonado, mas falava como quem estivesse mais apaixonado (tradução livre).

A mí, lo que me llamó mucha l'atención era que él [...] como él me hablava como que ya nos conocesemos o teníamos una relación de mucho más tiempo y como pensava que teníamos que casar en menos de tres días... Como que era muy rápido. Esto me pareció muy rápido. [La pasión?] De él, sí. De parte de él, como que havíamos mucho más. Eso era o que él hablava, no sé. [Él estava más encantado que usted?] No que estava más encantado, pero hablava como quien estava más encantado. Sí! (Melina, argentina, 32, visitadora médica).<sup>33</sup>

É esse discurso romântico atrelado à não-existência de uma explícita intermediação monetária (a atenção e o carinho por eles ofertados é retribuído com o pagamento de bebidas, refeições, roupas etc.)<sup>34</sup> que camufla esses relacionamentos de trivialidade. Além disso, não são apenas os aspectos materiais que movem os *caça-gringas*. Relacionar-se com mulheres estrangeiras confere *status* ao nativo/local, assim como exibir-se com roupas de grife, frequentar os mais badalados bares e restaurantes, pernoitar nos melhores hotéis e pousadas, viajar para outros estados e países e, acima de tudo, casar-se com uma estrangeira e ir morar no exterior, o que localmente representa uma elevação da qualidade de vida e alimenta o imaginário coletivo, reconfigurando, assim, a escala valorativa do seu mercado matrimonial. Em suma, há de se considerar também os aspectos simbólicos.

A produção corporal, também destacada por Piscitelli (2000), no caso de Pipa, ocorre na própria praia, que é também seu local de exibição, por meio de esportes como o surf, a capoeira, o frescobol, o cooper, além do próprio bronzeamento. Dessa forma, as práticas corporais dos *caça-gringas* e a exibição pública de seus corpos são maneiras de se diferenciar não apenas dos outros homens que estão presentes naquele mesmo contexto, mas também, e sobretudo, dos homens dos países de origens dessas mulheres, sabendo que elas anseiam encontrar tipos de masculinidades que já são raros entre seus compatriotas. Thomaz – entrevistado em julho de 2007, num período que classifico como pré-campo – tentou detalhar as motivações que levam as estrangeiras a desejarem vivenciar relacionamentos afetivo-sexuais com os *caça-gringas*:

Lá [nos seus países de origem] as pessoas são muito fechadas [...] vai do trabalho pra casa... são muito capitalistas. Só querem ter dinheiro. É do trabalho pra casa.

---

<sup>34</sup> Em outros trabalhos, dialoguei com a teoria da reciprocidade de Marcel Mauss (2003) e o conceito de moeda de Maurice Godelier (1981) para pensar o funcionamento desse mercado transacional de sexo.

A maioria dos brasileiros aqui, num tem essa vida assim não! [...] Eles procuram praticar um esporte, alguma coisa... Aí aparece... e o que elas 'vê'? Geralmente o esporte não faz o cara ficar gordo. Num faz, nunca faz. Faz o cara ficar sarado, com mais saúde. Aí quando elas vêm pro lado do litoral, vai pra praia, que vê o cara sarado, essas coisas... Aí o cara diz porra... Ficam empolgada! (29, caseiro).

A proposital corporificação do exotismo fica evidente também nessa fala:

Os caras quando vão azarar as brasileiras, ajeitam o cabelo, bota uma roupa bonita, todo cheio de *pápápá*... bem cheiroso... Tênis, isso e aquilo, uma camisa massa, uma bermuda legal... Não precisa disso tudo, não. Pode ir com os cabelos jogados mesmo, uma camisa simples, uma sandalhinha havaiana, uma bermudinha de surfista. Quanto mais simples, elas [as gringas] gostam mais. Gostam da simplicidade. Em momento algum, elas gostam de um cara que não seja simples, que gosta de aparecer (Sandro, 26, professor de *surf* e *jiu-jitsu*).

A partir disso, podemos interpretar o comportamento desses homens através da noção de *performance cínica* (GOFFMAN, 1985), pois eles conscientemente performatizam um *ethos* masculino local em resposta aos anseios de suas parceiras. Dessa maneira, abrem-se possibilidades de agência, que consistem na capacidade de influenciar os poderes exercidos pelos outros (GIDDENS, 1993), nesse caso, os poderes exercidos pelas *gringas* no âmbito da relação do casal. Astuciosamente, os *caça-gringas* elaboram táticas de movimentação cotidiana (DE CERTEAU, 2007) que lhes conferem certas vantagens nesse jogo de sedução, revelando, nos termos certeuanianos, a engenhosidade do fraco sobre o forte.

Em contrapartida, existe também uma idealização dessa mulher estrangeira por parte dos *caça-gringas*, que o fazem a partir da comparação com seu referente feminino local:

Aí, depois fui conhecendo as gringas e eu num quis saber de negócio de brasileira, não! Tu é doido, é? É porque brasileira é complicada... assim... pro cara namorar. É porque as gringa pô, vêm pra ficar mesmo, quer o cara mesmo! E as brasileira é mais por interesse, a maioria, a maioria mesmo. Visa o que o cara tem, visa onde é que o cara tá, o que é que o cara faz. As gringas quando elas vêm, muito mal ela procura saber quem é o cara, pode prestar atenção. Ela

num procura saber não. Ela vem pra curtir, vem pra conhecer... turista, né? Aí, pá, se envolve mesmo, se entrega, né? (Thomaz, 29, caseiro).

As nativas são muito simples, têm a cabeça muito... é tipo chata, tipo monótona, normal demais, entendeu? [...] Rapaz, já fiquei com argentina, uruguaia, semana passada fiquei com uma. Mas geralmente esses países muito... por exemplo Suécia, Suíça, que você vê a galera em relação assim de relacionamento, a galera tem a cabeça muito mais aberta, tá ligado? Não é uma coisa muito, não é uma coisa assim tipo de... muito mais aberto, pra tipo tá com você e tá com outro e liberar. É uma galera mais aberta, coisa mais liberada. Aqui no Brasil, tanto aqui no Nordeste, aqui no Nordeste é pior ainda, parece que quando fica a primeira vez a pessoa já diz que tá namorando, as nativas daqui já quer apresentar pro pai, não sei o quê. As de outro estado não, as de outro estado já é pouco um meio termo, tá ligado? Assim, as mais fofas, vamos dizer assim, as mais... as que você pode ter um relacionamento muito mais aberto são as estrangeiras. Até pelo país, pela cultura delas, é muito além das brasileiras (Ronaldinho, 25, recepcionista de hotel).

Há também uma valorização da branquitude, dentre as possibilidades de conúbio, revestida por certo exotismo:

Pô, velho, é porque é diferente... Coisa nova... assim, que o Brasil não tem e pá... [E qual é o tipo de mulher que o Brasil não tem?] Tipo lourona, dos olhos azuis, assim bem... [Brancona?] Não, brancona não! Brancona também não. Eu gosto é quando tá bem bronzeadinha... assim... camarãozinho, tá ligado? [risos] Aí é que tá o ouro! [gargalhadas] Mermão, a maioria que eu peguei aqui foi loira, porque eu gosto muito... loirinha, assim... (Renato, 22, instrutor de *surf*).

Aqui, já podemos traçar, portanto, um paralelo entre os encontros binacionais forjados pelos pares *nativa-gringo* e *nativo-gringa*, pois ao cruzarmos os relatos percebemos as similaridades a partir dos contrastes entre os argumentos alçados, por meio das identidades nacionais e de gênero, para justificar suas preferências afetivo-sexuais. Tendo como base as falas dos informantes presentes nos textos de Adriana Piscitelli (2000, 2001, 2002) e dos interlocutores do meu trabalho de campo, percebemos que os homens (tanto nativos quanto gringos) ao falarem de suas conterrâneas destacam

aspectos negativos de sua personalidade (elas são monótonas, interesseiras, recatadas, exigentes e limitadas sexualmente). Para as mulheres (gringas e nativas), os estrangeiros e nativos são, respectivamente, rudes, frios e *workaholics* e machistas, desocupados e mulhereiros. Dessa maneira, quando nos voltamos para as representações das identidades nacionais, notamos que os(as) estrangeiros(as) destacam os aspectos positivos de seus(suas) parceiros(as) brasileiros(as): são carinhosos(as), sensuais, gentis, atraentes, românticos(as), sexualmente criativos(as) e dispostos(as). E vice-versa. As mulheres brasileiras que se envolvem afetivo-sexualmente com gringos descrevem-nos, geralmente, como românticos, provedores, cortesês e ingênuos. Já os brasileiros vêem as gringas como inteligentes, liberais, solícitas e independentes. Indubitavelmente, a esses fatores somam-se outros relacionados mais a questões de estética (códigos corporais).

### Considerações finais

Após essa análise, obviamente parcial e que não se propõe a esgotar o tema da diversidade do mercado de sexo e dos relacionamentos afetivo-sexuais em contextos turísticos, tornou-se evidente que para uma verdadeira compreensão da dinâmica dessas instituições sociais é necessário que as identidades e representações de gênero sejam correlacionadas com outras, tais como: a nacional, a étnico-racial, a cultural, os códigos corporais e daí por diante. Essas interações, passíveis de serem perpetradas tanto por homens quanto por mulheres (na posição de turista ou autóctone, de turista sexual ou turista de romance, de profissional do sexo ou não), revelam-se como responsáveis pela atualização de desigualdades e preconceitos, através do exotismo, e pela aquisição ou ratificação de uma posição dominante seja de gênero, seja racial, seja econômica.

The demand for sex tourism is inextricably linked to discourses that naturalize and celebrate inequalities structured along lines of class, gender, and race/Otherness; in other words, discourses that reflect and help to reproduce a profoundly hierarchical model of human sociality (DAVIDSON; TAYLOR, 1999, p. 52).<sup>35</sup>

Os(as) turistas, por seu turno, apesar de estarem, na maioria das vezes, alinhados(as) às posições dominantes desses eixos de poder devido principalmente ao acúmulo de capital financeiro e cultural, estão vulneráveis a

---

<sup>35</sup> A demanda por turismo sexual está inextricavelmente ligada a discursos que naturalizam e celebram desigualdades estruturadas ao longo de linhas de classe, gênero e raça/Outridade. Em outras palavras, discursos que refletem e ajudam a reproduzir um modelo profundamente hierárquico de socialidade humana (tradução livre).

temporárias inversões, em que esses referenciais perdem força e são ressignificados astuciosamente através dos mecanismos de reformulações simbólicas, encontrados por essas comunidades receptoras, de teor combinatório, em que são agenciadas e articuladas novas formas de relações sociais que visam privilegiar os fracos em detrimento dos fortes e que também são capazes de transformar outros em Outros.

A grande contribuição desse campo e sua conseqüente pesquisa é a revelação da necessidade de uma reanálise das teorias, principalmente de orientação feminista, relativas ao mercado de sexo que estavam até o momento em voga, mostrando o quanto elas, por mais que dissessem ou quisessem transparecer o contrário, são impregnadas de puritanismos e moralismos disfarçados por um discurso que se pretende político e protecionista, assim como são responsáveis pela manutenção do sexismo que intentavam denunciar. Faz-se mister, então, como coloca o Grupo da vida (2005), separar temas de denúncia de categorias analíticas, dados contraditórios de fatos e militância política de pesquisa científica. Assim, como afirma Dolores Juliano (2005), é necessário encarar o trabalho sexual também como voluntário, não confundir prostituição adulta com infanto-juvenil, perceber que as migrações por razões sexuais não são sinônimas de tráfico para prostituição forçada e que esses sujeitos são agentes ativos de suas opções e portadores de projetos de vida específicos.

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo* – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ALTMANN, Denis. *Global sex*. Chicago: The University of Chicago Press, 2001. p. 1-52.
- BEAUVOIR, Simone de. *The second sex*. New York: Vintage Books, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.
- CHAPKIS, Wendy. *Live sex acts: women performing erotic labour*. London: Cassell, 1997.
- CHINCHILLA, Norma Stoltz. Ideologías del feminismo: liberal, radical y marxista. In: LEON, Magdalena (Org.). *Sociedad, subordinacion y feminismo: debate sobre la mujer en America Latina y el Caribe* – Discussion acerca de la unidad producción – reproducción. v. 3. Bogotá: ACEP, 1982. p. 215-238.
- DAVIDSON, Julia O'connell; TAYLOR, Jacqueline Sanchez. Exploring the demand for sex tourism. In: KEMPADOO, Kamala (Org.). *Sun, sex and gold: Tourism and sex work in the Caribbean*. Lanham: Rowman and Littlefield, 1999. p. 37-55.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ENLOE, Cynthia. *Bananas, beaches and bases: Making feminist sense of international politics*. Califórnia: University of California Press, 2000.
- FIGUEIREDO, Adrianna. *Se pudesse ressurgir, eu viria como o vento: Das narrativas da dor, corporalidades e emoções na experiência da travestilidade*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista*. Editorial Labor do Brasil, 1976.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GODELIER, Maurice. “Moeda de sal” e Circulação de Mercadorias entre os Baruya da Nova Guiné. In: CARVALHO, E. A. (Org.). *Antropologia: grandes cientistas sociais*. n. 21. São Paulo: Ática, 1981. p. 124 -148.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOLDMAN, Emma. *Trafico de mujeres y otros ensayos sobre feminismo*. Barcelona: Anagrama, 1977.

GRUPO DA VIDA. Prostitutas, “Traficadas” e Pânicos Morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). *Cadernos Pagu*: Mercado do sexo. n. 25. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 153-184.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

JULIANO, Dolores. El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereotipos. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). *Cadernos Pagu*: Mercado do sexo. n. 25. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 79-106.

KAPLAN, Caren. *Questions of Travel: postmodern discourses of displacement*. Durham: Duke University Press, 1996. p. 27-65.

KEMPADOO Kamala. *Sexing the Caribbean: Gender, race and sexual labor*. New York: Routledge, 2004.

MACKINNON, Catharine. Not a moral issue. In: CORNELL, Drucilla (Org.). *Feminism and pornography*. Oxford: Oxford University Press, 1984. p. 169-197.

MCKKLINTOCK, Anne. Sex Work and Sex Workers: introduction. *Social Text*, n. 37. Winter, 1993, p. 1-10.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de Poder e Fantasias de Identidade: gênero, raça e violência. In: CASTRO, Mary Garcia (Org.). *Cadernos Pagu*: corporificando gênero. v. 14. Campinas: Unicamp, 2000. p. 13-44.

ORTNER, Sherry B. Entonces, es la Mujer al Hombre lo que la Naturaleza a la Cultura? *Revista de Antropología Iberoamericana*. v. 1, n. 1. Madrid: Ed. Electrónica, 2006. Disponível em: <<http://www.aibr.org/antropologia/01v01>>. Acesso em: 17 nov. 2007.

OVERING, Joanna. Men Control Women? The catch 22 in gender analysis. *International Journal of Moral and Social Studies*, v. 1. Oxford, 1986. p. 135-156.

PERLOGHER, N. O. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana. Trechos de um Diário de Campo: mundos contemporâneos, gênero, desigualdades. In: *Seminário A questão social em 500 anos*. Mesa-Redonda: Desigualdade de gênero (na história, no trabalho e nas lutas sociais). Rio de Janeiro: Escola de Serviço Social da UFRJ, 2000.

\_\_\_\_\_. Gringos nos Trópicos: gênero e nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza. In: CASTRO, Mary Garcia. (Org.). *Migrações Internacionais, contribuições para políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, v. 1, 2001. p. 589-613.

\_\_\_\_\_. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. In: CASTRO, Mary Garcia (Org.). *Cadernos Pagu*: corporificando gênero. v. 19. Campinas: Unicamp, 2002.

RIBEIRO, Fernando Bessa; SACRAMENTO, Octávio. Sexo, amor e interesse entre gringos e garotas em Natal. *Cronos: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*. v. 7, n. 1, Natal: EDUFRN, 2006.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento cultural. *Horizontes Antropológicos*. v. 1, n. 1. 1995. p. 11-37.

SEP. *Feminist Perspective on Sex Markets*. Stanford University, 2004. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/>>. Acesso em: 22 ago. 2008.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Relume-Dumará: Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Rogério Araújo da. *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2006.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.